

Um olhar sobre a diversidade sociolinguística e cultural dos povos indígenas de Rondônia

Andréia Maria Pereira¹
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Introdução

Este breve texto visa tão somente abordar a questão da diversidade sociolinguística e cultural dos povos indígenas do estado de Rondônia, destacando mesmo que de forma modesta a força e a resistência que esses povos possuem.

Mesmo diante de muitas transformações ocorridas na cultura e na história desses povos, eles ainda possuem uma riqueza étnica, cultural e linguística importante.

Vale ressaltar, também, que a riqueza e a diversidade de suas culturas e línguas influenciam a sociedade como um todo. No entanto, não podemos ignorar ou agir de forma preconceituosa diante desta causa nobre que é a sobrevivência e a valorização dos povos indígenas não só de Rondônia, mas de todo o país.

É importante destacar que a Constituição Federal de 1988 estabeleceu uma nova forma de pensar a relação dos povos indígenas em nosso país, ao reconhecer e valorizar a sociodiversidade indígena e atribuir ao Estado o dever de proteger suas manifestações culturais, como está registrado no (Art. 231 da Constituição Federal de 1988) “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. A legislação garante o direito a diversidade cultural e linguística aos povos indígenas, porém faz-se necessário

¹ Aluna do mestrado em Ciências da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, campus de Guajará-Mirim (2009).

o respeito e aplicabilidade destas leis para que estes povos possam expressar livremente a diversidade cultural e linguísticas existente entre eles.

Iniciamos o presente trabalho, através de alguns estudos teóricos já existentes sobre a diversidade sociolinguística e cultural dos povos indígenas de Rondônia.

Pretendemos demonstrar que apesar do violento processo de destruição pelo qual os povos indígenas de todo o Brasil passaram desde a chegada dos europeus a cultura indígena ainda esta fortemente presente neste estado e é impossível ignorá-la.

Os povos indígenas sobreviventes das investidas colonialistas criaram estratégias de sobrevivência e souberam preservar elementos de sua cultura e identidade.

Rondônia possui um cenário riquíssimo quanto à diversidade cultural e linguística. E é um pouco deste cenário que pretendemos mostrar neste trabalho.

Para tanto faremos um diálogo entre alguns pesquisadores e autores, tais quais: Lopes da Silva (1995), Grupioni (1995), Teixeira (1995), Isidoro (2006) entre outros que pesquisam e discutem o assunto.

Durante este diálogo abordaremos algumas questões sobre: Linguagem e Cultura; Diversidade cultural; Diversidade Cultural e Linguística no Estado de Rondônia e para finalizar falaremos um pouco sobre a Situação sociolingüística em Rondônia.

Linguagem e Cultura

É inquestionável a ligação existente entre linguagem e cultura. Pode-se ainda afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. Pois, todos os seres humanos possuem uma linguagem e fazem parte de uma cultura que é a marca de suas vidas, ou seja, são o que são pela linguagem, pois a mesma permite todas as coisas acontecerem.

A língua não é simplesmente um veículo para se transmitir informações, mas é também um meio para se estabelecer e manter o relacionamento com outras pessoas.

A capacidade de usar a linguagem se concretiza nas diversas línguas utilizadas pelas sociedades humanas. Carboni & Maestri:

Na medida em que a língua é a consciência real e prática do ser social, este último assume crescente consciência de suas necessidades históricas por meio também do crescente reconhecimento da determinação histórica e social de sua voz e da função dessa última na conformação e transformação do mundo social. (2003, p. 98).

Nossa visão de mundo é determinada por nossa língua. Cada língua existe em função das necessidades sociais de designar ou nomear a realidade.

A finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte. A língua é um bem comum a todos, determinante territorial e cultural de um povo.

Teixeira afirma que:

A língua é também a chave que nos permite conhecer todo o universo cultural de um povo. A cultura de um povo é nada mais nada menos que o conjunto das respostas que aquele povo dá às experiências pelas quais ele passa e aos desafios que ele sofre. A língua, bem como a cultura, vão sendo moldadas ao longo do tempo. (...) O conhecimento das línguas indígenas e, através delas, o conhecimento da experiência e do conhecimento acumulados pelos povos que as falam é de valor cultural e social inestimáveis. (1995, p. 293).

O Brasil é um país onde se falam muitas línguas diferentes, devido à existência e convivência de diferentes povos e culturas. É bom lembrar que nenhuma dessas línguas pode ser classificada como melhor ou pior, superior ou inferior num país onde a diversidade lingüística é tão marcante.

Apesar de o português ser a língua oficial, há pelo menos 200 outras línguas, divididas em dois grupos: “as línguas indígenas, faladas aqui por vários milênios, e as línguas alienígenas, introduzidas a partir da colonização

portuguesa e que se estabeleceram no país há mais de 500 anos” (Rodrigues, 1986).

Muitas pessoas se surpreendem quando ouvem falar no grande número de línguas indígenas existentes no Brasil. Isso acontece por falta de conhecimento sobre a diversidade étnica, cultural e lingüística dos povos indígenas do nosso país.

Infelizmente algumas pessoas pensam inclusive, que índio é tudo igual, ou seja, não compreendem que existem povos diferentes que falam diferentes línguas, que possuem diferentes culturas. Rodrigues afirma:

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofias peculiares, resultados de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem também de nós e entre si por falarem diferentes línguas. (apud Oliveira, 2006, p. 66)

É importante entender que em uma mesma comunidade lingüística, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. As pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira.

O domínio da linguagem é a característica humana que melhor distingue o homem dos outros animais. Ela tem sido o eixo central do desenvolvimento social e cultural da humanidade.

A linguagem é quase sempre, o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas. Os modos específicos de usar a linguagem são como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história.

A capacidade de usar a linguagem se concretiza nas diversas línguas utilizadas pelas sociedades humanas.

Ao falarmos da língua e da linguagem, falamos também de cultura, uma vez que a língua é o meio básico de organização da experiência e do

conhecimento humano. A seguir faremos uma abordagem sobre a diversidade cultural.

Diversidade Cultural

Segundo Lévi-Strauss (1989, p. 331) “*A diversidade das culturas humanas é, de fato no presente, de fato e também de direito no passado, muito maior e mais rica do que tudo aquilo que delas pudermos chegar a conhecer*”.

A cultura indígena se refere à maneira de ver e de se situar no mundo, com a forma de organizar a vida social, política, econômica e espiritual de cada povo. Neste sentido cada povo tem uma cultura distinta da outra, porque se situa no mundo e se relaciona com ele de maneira própria.

Os povos indígenas representam culturas, línguas, conhecimentos e crenças únicas. Eles configuram uma enorme diversidade cultural, uma vez que vivem em espaços geográficos, sociais e políticos diferentes.

Quando falamos de diversidade cultural, podemos concluir que não existe uma identidade cultural única brasileira, mas diversas identidades, pois a história de cada povo e o contexto em que vivem é que constrói esta identidade.

Diante disso, podemos ressaltar que não existe cultura estática e pura, ela é sempre o resultado de interações, trocas de experiências e modos de vida entre indivíduos e grupos sociais.

Para Pessoa existe uma relação indissociável entre linguagem, cultura e sociedade:

Todos nós temos uma linguagem, fazemos parte de uma sociedade e temos uma cultura que é marca da história de nossas vidas. Ninguém pode negar essa indissolubilidade que há entre a linguagem e a sociedade, ou melhor ainda, não há como nos negarmos a confirmar essa relação profunda onde tais especificidades se juntam para culminar na expressão máxima da história da humanidade. (2009, p. 173).

Fica claro, portanto, que a diversidade cultural e os mecanismos de diferenciação fazem parte da própria história das relações entre as diferentes

sociedades humanas. No entanto, essas relações são bastante conflitantes, pois aceitar e respeitar as diferenças não são tarefa fácil.

Atualmente, a diversidade cultural do mundo é reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU), através da UNESCO, como patrimônio comum da humanidade. No caso particular da diversidade cultural indígena ou das populações tradicionais ou tribais, ela é considerada patrimônio da humanidade pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ratificada (reconhecida como Lei do país) pelo Brasil em 2003.

A seguir abordaremos especificamente a diversidade cultural e lingüística do Estado de Rondônia.

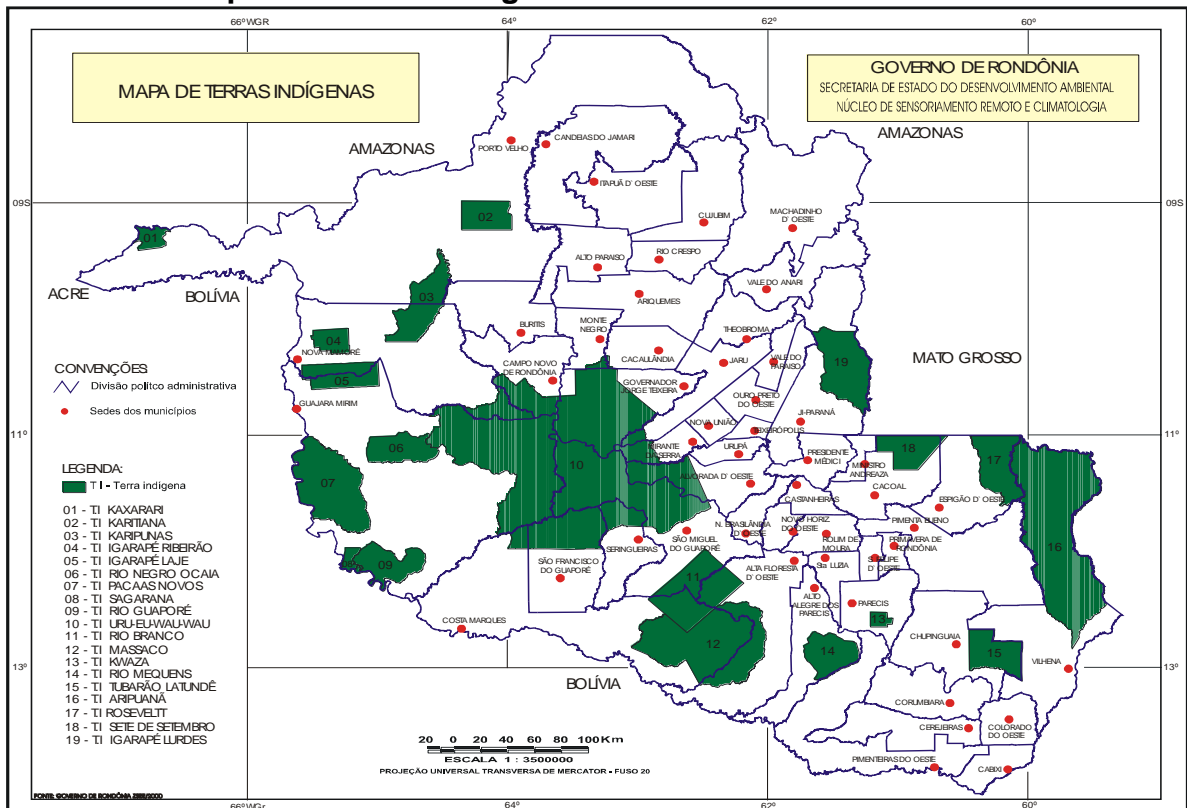
Diversidade Cultural e Lingüística no Estado de Rondônia

Rondônia é um estado que apresenta grande diversidade cultural e lingüística. Esta diversidade refere-se não somente aos povos indígenas, mas a toda a população deste estado. Visto que a colonização do mesmo se deu através de um processo acelerado de migração, oriundas de varias regiões do país, principalmente do sul, sudeste e nordeste.

Não podemos deixar de citar também, as populações tradicionais, ribeirinhas, extrativistas e remanescentes dos quilombos, que enriquecem e diversificam ainda mais a cultura deste estado.

Segundo a FUNAI os povos indígenas de Rondônia habitam 19 Terras Indígenas. Salientamos ainda que essas terras demarcadas são ocupadas por comunidades indígenas que foram contatadas pelo homem não indígena. Vale ressaltar que segundo a FUNAI, ainda existem, no estado, povos isolados, ou seja, são grupos indígenas que vivem de forma autônoma, sem manter contato com a sociedade nacional. O mapa a seguir mostra as terras indígenas localizadas em Rondônia.

Mapa das Terras Indígenas do Estado de Rondônia



Fonte: SEDAM, 2003. Atlas.

A terra é um fator fundamental de resistência dos povos indígenas. Território é condição para a vida dos povos indígenas, não somente no sentido de bem material ou lugar de produção, mas como o ambiente que se desenvolve todas as formas de vida. O território garante a possibilidade e o sentido da vida individual e coletiva.

Deste modo, para Baniwa:

Podemos definir terra como o espaço geográfico que compõe o território, onde este é entendido como um espaço do cosmo, mais abrangente e completo. Para os povos indígenas, o território compreende a própria natureza dos seres naturais e sobrenaturais, onde o rio não é simplesmente o rio, mas inclui todos os seres, espíritos e deuses que neles habitam. (...) Terra e território para os índios não significa apenas o espaço físico e geográfico, mas sim toda a simbologia cosmológica que carrega como espaço primordial do mundo humano e do mundo dos deuses que povoam a natureza. (2006, p. 101).

Diante da importância dada pelos povos indígenas à terra, fica claro que as questões relativas às terras indígenas são um dos fatores determinantes para compreendermos a realidade sociolingüística dos povos que nelas vivem. Visto que para eles suas manifestações culturais, tradições e relações familiares e sociais, estão intrinsecamente ligadas a terra.

Hilton (2001 *apud* Isidoro 2006) afirma “que a perda das línguas indígenas está intrinsecamente ligada à usurpação das suas terras, à destruição do seu *habitat* e à assimilação involuntária dos costumes da sociedade não indígena”.

A realidade apontada pelo autor é fato vivenciado pelos povos indígenas de Rondônia, pois a maioria destes povos foram expulsos de suas terras tradicionais, durante a ocupação do estado pelos migrantes que chegaram de diferentes regiões do país ou tiveram suas terras extremamente reduzidas.

Apesar de muitas línguas e povos indígenas terem sido extintos ao longo da colonização deste estado, atualmente Rondônia, possui uma população de mais de 6.500 indígenas, distribuídos em aproximadamente 36 povos distintos, falando em torno de 23 línguas diferentes.

Embora existam varias línguas indígenas no estado, vale ressaltar que muitas estão ameaçadas de extinção, devido ao número reduzido de falantes, baixa transmissão às novas gerações e poucos velhos que as dominem.

No entanto, não podemos deixar de registrar que apesar da drástica redução das línguas indígenas faladas, as sobreviventes representam uma enorme riqueza cultural no estado e no Brasil.

A Língua da maioria dos povos indígenas que vivem em Rondônia pertence ao tronco Tupi, conforme mostra o quadro a seguir:

POVO	TERRA INDÍGENA	POP.	LÍNGUA	FAMÍLIA	TRONCO
Uru-Eu-Wau-Wau	Uru-Eu-Wau-Wau	90	Uru-Eu-Wau-Wau	Tupi-Guarani	Tupi
Juma		07	Juma	Tupi-Guarani	Tupi

Oro Win		79	Oro Win	Txapakúra	
Amondawa		80	Amondawa	Tupi-Guarani	Tupi
Kabixi	Desaldeados	-	Kabixi	Txapakúra	
Djeoromitxi	Guaporé Pacaá Novos Rio Branco	100 15 10	Djeoromitxi	Jabuti	Jabuti
Makurap	Guaporé Sagarana Pacaas Novos Rio Branco	200	Makurap	Tupari	Tupi
Tupari	Rio Branco e Res. Guaporé R. Bio.Guaporé	280 30	Tupari	Tupari	Tupi
Kanoé	Omerê Guaporé Sagarana Pacaas Novos Rio Negro Ocaia Rio Branco	04 45 25 10 01	Kanoé	Isolado Lingüístico	
Wayoró-reg. Como: Ajurú	Guaporé Pacaá Novas	56 04	Wayoró	Tupari	Tupi
Aruá	Rio Branco Guaporé	23 15	Aruá	Mondé	Tupi
Kujubim	Guaporé Sagarana	130	Kujubim	?	?
Massaká	Guaporé		Massaká	?	?
Wari	Igarapé Ribeirão Igarapé Laje Rio Negro Ocaia Pacaá Novas Sagarana	2.270	Cada grupo se auto denomina como língua	Txapakura	
Karitiana	Karitiana	218	Karitiana	Arikém	Tupi
Kampé	Rio Branco Rio Mequéns	32 03	Kampé	Tupari	Tupi
Arikapú	Rio Branco Guaporé	13 03	Arikapú	Jabuti	
Nambikwara	Tubarão Latundê	01 20 15	Lakondê Latundê Sabanê	Nambikwara	

Aikanã (Massaká, Kassupá)	Tubarão Latundê Ricardo Franco	180 10	Aikanã	Aikanã	
Kwazá	Kwaza do Rio São Pedro Tubarão Latundê	40	Kwaza	Kwazá	
Sakyrabiat – Cinta Larga	Rio Mequéns Roosevelt, Parque Aripuanã, Serra Morena	96 1.100	Sakyrabiat Cinta Larga	Tupari Mondé	Tupi Tupi
Suruí (Paitér)	Sete de Setembro RO e MT	845	Surui	Mondé	Tupi
Arara (Karo)	Igarapé Lourdes	190	Arara	Ramaráma	Tupi
Gavião	Igarapé Lourdes	587	Gavião	Monde	Tupi
Kaxarari	Kaxarari	300	Kaxarari	Pano	
Karipuna	Karipuna	18	Karipuna	Tupí- Guaraní	Tupi
Akuntsú	Omerê	07	Akuntsú	Tupari	Tupi
Apurinã	Roosevelt	50	Apurinã	Aruak	
Waniam- Miguelão	Sem Terra reinindicando	140	Waniam	Txapacura	
Puruborá	Sem Terra	200	Puruborá	Puruborá	Tupi
Salamã	Tubarão Latundê Sagarana Guajará Mirim	80	Salamã	Mondé	Tupi

Fonte: Izidoro (2006, p.56)

A diversidade lingüística é extremamente relevante para a diversidade cultural. Concordamos com Baniwa (2006) quando diz que: “O indivíduo que conhece sua língua e sua cultura também se desenvolve melhor como pessoa, cidadão e como membro de uma coletividade”.

As realidades sociolingüísticas dos povos indígenas de Rondônia são bem distintas, conforme levantamento sociolingüístico realizado em 2004, em quase todas as aldeias do estado, pela equipe de educação escolar indígena da Secretaria Estadual de Educação, como uma ação do Projeto Açaí.

O referido estudo foi orientado pela professora Dr^a Maria do Socorro Pimentel da Silva (UFG). Fez parte também desse trabalho a equipe de professores ministrantes do Projeto Açaí de várias instituições, tais como, UFG, UNIR, UERJ, SEDUC, entre outras.

Diante dos registros feitos por Izidoro, em sua dissertação de mestrado, vamos abordar alguns aspectos mais relevantes da situação sociolingüística dos povos indígenas de Rondônia

Situação sociolingüística em Rondônia

A situação sociolingüística dos povos indígenas de Rondônia, conforme já mencionado é bastante diversa. São vários os fatores que contribuem para esta diversidade e para que possamos compreender um pouco esta realidade é necessário investigarmos dados da história destes povos, procurando entender as mudanças sofridas ao longo de suas vidas.

No que se refere a história dos povos indígenas e o período de colonização do estado de Rondônia, podemos perceber ao consultarmos algumas bibliografias e também ao ouvirmos relatos de indígenas idosos, o quanto estes povos sofreram e lutaram pela sobrevivência de suas comunidades, neste estado.

No século XVIII, iniciou-se o processo de conquista e ocupação dos territórios indígenas, que hoje constituem o estado de Rondônia. As conseqüências dos primeiros contatos com os não indígenas se perpetuam até os dias atuais, contatos estes que não foram nada pacíficos. A chegada dos migrantes em busca dos seringais, do ouro, das terras para a agricultura e pecuária, de madeiras de lei e minérios em Rondônia, desencadeou a dizimação de muitos povos indígenas, ora massacrando-os, ora usando-os como mão de obra escrava.

Esse processo de exploração provocou uma enorme desintegração social e desvalorização lingüística e cultural dos indígenas. A maioria dos povos perdeu boa parte ou totalidade de sua terra tradicional. Muitos tiveram

que abandonar suas terras tradicionais e viver em outras localidades com outros povos e acabaram perdendo muito de suas características culturais e lingüísticas.

O relato a seguir em que Pimentel da Silva (2005, p.1) descreve sobre o povo Jabuti, que vive na Região de Guajará-Mirim, demonstra a forma brutal de como se deu o contado com os povos indígenas:

Atualmente, os Jabuti vivem em três aldeias: Baía da Coca, Baía das Onças e Ricardo Franco, todas localizadas na Terra Indígena Guaporé, no município de Guajará-Mirim, no Estado de Rondônia. Antes de ali habitarem, viviam na região do Rio Branco, território tradicional desse povo, também situado em Rondônia. Foi neste local que, na década de 1970, os seringueiros os encontraram e fizeram deles seus escravos. Esse foi um período muito triste para esses indígenas que se viram, de repente, aprisionados em seu próprio território, sob o julgo de uma cultura estranha e obrigados a falar uma língua que não dominavam, ou seja, a língua portuguesa. Todos esses fatos contribuíram com a degradação de seus valores culturais e ocasionaram uma baixa auto-estima. apud Isidoro 2006, p.57).

Vários outros povos indígenas de Rondônia passaram por situações semelhantes. E as conseqüências são as mesmas, a deteriorização de seus valores culturais e a baixa auto-estima.

Quanto a convivência de diferentes povos de diferentes etnias no mesmo território, Isidoro cita a terra indígena Rio Branco, localizada no município de Alta Floresta e a Terra Indígena Guaporé, localizada no município de Guajará-Mirim.

Diante da diversidade étnica existente em algumas áreas indígenas, a língua portuguesa passa a ser a língua de comunicação, entre os povos que ali convivem. Isso provoca o enfraquecimento de suas línguas maternas, pois uma língua que não é utilizada está fadada ao desaparecimento.

As discriminações sofridas pelos povos indígenas deixaram marcas profundas, muitos indígenas acreditam que a língua portuguesa é mais importante que sua língua materna, por isso deixam de ensinar aos seus filhos.

Há comunidades que querem que seus filhos estudem com professores não indígenas, pois acreditam que os mesmos são melhores que os indígenas,

afinal falam português. Na verdade, sentem-se inferiores com relação a cultura dominante.

Com isso, acabam não ensinando aos jovens suas músicas, seus rituais e seus mitos, provocando assim, grandes prejuízos culturais. Para Izidoro (2006, p. 58), “felizmente, a atitude negativa desses indígenas em relação a sua língua não é unânime. A atitude lingüística pode diferir de sociedade para sociedade e entre membros de uma mesma comunidade”.

No entanto, não podemos deixar de registrar que entre os indígenas que acham sua língua materna inferior, dispensável, inútil. Encontramos indígenas que têm orgulho de sua identidade étnica, acreditam que sua língua é importante para a produção do saber tradicional e na aquisição de novos conhecimentos.

O que foi assinalado acima, Izidoro (2006, p. 58), confirma com a seguinte declaração: “tivemos oportunidade de conversar com uma família que conserva sua língua, muitas de suas tradições e é, de modo impressionante, orgulhosa de ser Makurap. Verificamos essa atitude, inclusive, entre os jovens”.

A família que a autora se refere faz parte da comunidade Makurap e é composta por aproximadamente 20 pessoas, que vivem na terra indígena Rio Branco.

Na terra indígena Rio Branco, conforme já assinalado, há uma grande diversidade étnica. Devido a variedade de povos existentes neste território, o que contribuiu para o acontecimento dos casamentos interétnicos, como por exemplo: Kampé, Makurap, Arikapú, Djerometxi casados com Tupari.

Estes casamentos contribuem para que a língua de comunicação entre essas comunidades seja a língua portuguesa, pois aos povos que perderam sua língua materna só restou o português. Vale ressaltar que a comunidade Kampé não fala mais sua língua materna.

Diante das relações estabelecidas entre os povos que habitam a terra indígena Rio Branco é possível encontrar diversas situações sociolingüísticas. Izidoro identifica algumas destas situações:

1^a) aldeias em que os Tupari, mesmo sendo maioria na terra indígena Rio Branco, estão usando pouco sua língua, realidade percebida principalmente entre as crianças; 2^a) aldeias onde a língua Tupari é produtiva e usada em todos os contextos sociais da comunidade; 3^a) aldeias onde a língua Makurap é a mais usada; e 4^a) aldeias onde são usadas a língua portuguesa no contexto da comunidade e as línguas Tupari e portuguesa no contexto da família. É importante destacar que os Makurap, Jabuti e Aruá, em uma comunidade de maioria Tupari, geralmente falam português. (2006, p. 59).

Nesta terra indígena é possível encontrar pessoas monolíngües, bilíngües e trlíngües. É o caso de uma liderança Aruá, que fala Aruá, Tupari e Makurap. Outros apenas entendem Aruá e falam Tupari, e outras ainda que entendem Makurap e falam Tupari. Um professor Arikapu, por exemplo, cujo pai é o único falante de Arikapu na comunidade e cuja mãe é Tupari, fala e entende Tupari e Makurap. Para comunicar-se com seu pai, fala em Tupari; porém, seu pai responde em Makurap. No entanto, seu pai não tem com quem conversar em Arikapu. (SEDUC, 2004)

É interessante observarmos que a convivência entre as diferentes lideranças é extremamente passiva e harmoniosa. O grupo que tem maior número de pessoas, têm um maior prestígio político. No entanto, todos são respeitados.

Segundo Izidoro:

É possível verificar nesse estudo que o fato de um povo se concentrar em um mesmo local contribui, e muito, para o fortalecimento lingüístico e cultural, pois possibilita uma maior interação entre falantes da mesma língua o que torna a língua mais produtiva, além do que esta constatação reforça a importância da relação da terra com a preservação da língua e cultura. (2006, p. 59).

As línguas maternas dos povos Kampé, Arikapu, Kanoé e Aruá, encontram-se em situação de risco de desaparecimento total, pois o número de falantes é bastante reduzido e conforme afirma a autora acima citada e outros estudiosos do assunto sem um grupo para praticar a comunicação é impossível preservar uma língua.

Muitos indígenas compreendem a importância das relações entre os diferentes povos para que eles possam se conhecer, trocar experiências, falar suas línguas, cantar suas músicas, contar suas histórias e conseqüentemente estabelecerem relações de união e fortalecimento, tanto lingüístico, quanto cultural de cada etnia.

Há indígenas que dizem terem ficado surpresos com a quantidade de parentes que eles possuem no estado de Rondônia.

Além das realidades mencionadas, existem, no estado de Rondônia, outras diferentes situações sociolingüísticas, principalmente no que se refere a composição das comunidades.

Existem povos que vivem em sua terra tradicional, ou em parte dela, e os que se agruparam em pequenas aldeias. Estes são considerados privilegiados, pois a ocupação de seu território tradicional favorece a utilização e conservação de seus costumes, tradições, línguas e a transmissão destes conhecimentos às crianças e aos jovens de suas comunidades.

Em Rondônia há também povos desaldeados que estão buscando junto à Funai a demarcação de seu território tradicional, visto que compreendem que a recuperação do mesmo, implica diretamente na recuperação da auto-estima de seu povo. Isso também os transforma num povo resistente.

Atualmente a língua materna é utilizada pela escola como língua de alfabetização, além de serem usadas no ambiente familiar, em reuniões, em festas, na roça, na cidade quando conversam entre si. Há, naturalmente, empréstimos lingüísticos e alternância de língua, dependendo do assunto em questão...

É interessante fazermos uma viagem no tempo, no que se refere às relações da escola com a língua materna. Afinal no passado a escola foi o principal instrumento de destruição das línguas indígenas. Baniwa (2006, p.123) diz que a escola, “esmagou os índios, arrasou línguas, ignorou conhecimentos, perseguiu e proibiu culturas, tradições, ritos e cerimônias”.

No entanto, graças à resistência dos indígenas, atualmente é possível observamos que os professores indígenas são muito importantes e tem

contribuído para uma maior valorização cultural e lingüística de suas comunidades.

Tivemos inclusive um professor indígena, Joaton Surui, que foi vencedor do concurso professor Nota 10 da revista Nova Escola, editora abril, com um trabalho sobre Revitalização e Valorização da língua materna de seu povo. O professor Joaton Surui, foi aluno do Projeto Açaí e atualmente é professor de língua materna em sua comunidade.

Segundo Isidoro:

Este movimento de auto-valorização cultural desses indígenas é conseqüência das políticas lingüísticas adotadas no Projeto Açaí, no período de 1998 a 2004, que contribuíram decisivamente para o início de uma maior consciência da importância de cada povo nos contextos de maior diversidade e conflito. Foram perceptíveis as mudanças de atitudes dos professores indígenas em relação a sua identidade étnica, atitude que, aos poucos, vai sendo incorporada às comunidades. (2006, p. 61).

O Projeto Açaí foi um divisor de águas para os povos indígenas de Rondônia. Visto que durante o desenvolvimento do mesmo as políticas lingüísticas, colaboraram para a valorização cultural e lingüística, autonomia e resgate da auto-estima destes povos. A fala do professor Jabuti, em uma das etapas do Projeto Açaí, comprova o que estamos salientando. “Eu não sabia que minha língua e minha cultura eram importantes, porque sempre foram desprezadas e desvalorizadas pelos brancos” (SEDUC, 2002).

Fica evidente que durante o Projeto Açaí, foi realizada uma importante reflexão sobre este poderoso instrumento de liberdade, autonomia e afirmação identitária, que é a língua materna.

É importante ressaltar que um dos objetivos desse Projeto foi, justamente, realizar o diálogo intercultural, no sentido de valorizar a língua e a cultura das populações indígenas do Estado.

Neste sentido é possível constatarmos que o Projeto Açaí realizou com êxito aquilo que se propôs realizar, basta observamos a postura político-pedagógica dos professores, durante encontros e também no desenvolvimento

de suas atividades na escola em suas comunidades, suas atitudes resultaram em ações de valorização cultural e lingüística das mesmas.

O Projeto Açaí não foi um projeto perfeito, mas com certeza contribuiu para o desenvolvimento de uma educação intercultural e específica nas escolas indígenas de Rondônia. É certo que ainda não temos o ideal, mas já iniciamos o processo. E não podemos deixar de enfatizar que a prática pedagógica desta educação intercultural visa corrigir equívocos pedagógicos históricos que massacraram durante tanto tempo estes povos cultural e linguisticamente.

A situação sociolingüística dos povos indígenas no Estado, conforme já mencionado tem como principal característica a diversidade.

Diante deste contexto de diversidade não podemos cruzar os braços. Precisamos estabelecer mudanças teóricas e práticas que valorizem e contribuam para o resgate e vitalidade cultural e lingüística, destes povos.

Enfim, sabemos que há muito o que fazer por estes povos, no entanto, nossos estudos e pesquisas precisam ultrapassar os muros das entidades pesquisadoras. Os apontamentos aqui realizados foram baseados num estudo preliminar sobre a realidade sociolingüística do Estado de Rondônia, no entanto, há muito o que pesquisar e estudar ainda sobre este assunto.

Considerações Finais

Em face do exposto neste texto, podemos concluir que a diversidade sociolingüística e cultural dos povos indígenas do Estado de Rondônia é extraordinária. Cada etnia que aqui habita possui uma riqueza cultural e lingüística admirável.

Apesar das imagens e crenças disseminadas pelo senso comum de que os indígenas são preguiçosos, só querem ter direitos e não cumprem nenhum dever, entre outras. Os povos indígenas têm enfrentado o preconceito da sociedade não indígena que na grande maioria, não compreendem que eles

têm um modo próprio de se organizar em sociedade, de pensar e de conhecer o mundo natural e espiritual.

Diante disso, a diversidade sociolingüística e cultural dos povos indígenas não pode ser ignoradas, afinal nas últimas décadas têm se constatado o crescimento da população indígena não só no Estado de Rondônia, mas em todo o Brasil.

Acreditamos que o caminho para a sobrevivência humana, cultural e lingüística desses povos é a implementação de políticas públicas que reconheçam a diversidade como riqueza e, a partir de então, passem a reconhecer seu devido valor.

No entanto, é necessário que os povos indígenas conheçam os direitos que a legislação lhes assegura, para que possam lutar pelo cumprimento dos seus direitos. , É necessário que estas leis estabelecidas no papel, saiam dele e sejam efetivamente aplicadas e/ ou respeitadas.

Embora haja uma escassez significativa de materiais que discutam e ao mesmo tempo divulguem a riqueza sociolingüística e cultural dos povos indígenas do estado de Rondônia, esperamos que esta realidade possa ser alterada por estudos como este e também com pesquisas mais aprofundadas.

Precisamos acreditar no poder das pesquisas e dos estudos como poderoso instrumento de transformação das realidades existentes. Com relação a diversidade sociolingüística e cultural dos povos indígenas do estado de Rondônia não é diferente, precisamos conhecer e conhecer profundamente, para que possamos dar a devida atenção e valor.

Referências Bibliográficas

ALKMIN, Tânia. Sociolingüística. In MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Cristina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008.

ARAÚJO, Ana Valéria. *Povos Indígenas e a lei dos "Branços": o direito à diferença*. Brasília: MEC/SECAD/ LACED/Museu Nacional, 2006.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. In MUSSALIM, Fernanda &



- BENTES, Anna Cristina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008.
- CARBONI, Florence & MAESTRI, Mário. *A Linguagem Escravizada. Língua, história, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO, *Panewa Especial*, CIMI -RO, 2002.
- FUNAI, *Terras Indígenas do Brasil*. <www.funai.gov.br > acesso em junho de 2009.
- ISIDORO, Edinéia Aparecida. *Situação Sociolingüística do Povo Arara: uma história de luta e resistência*. Goiás, Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós – Graduação em Letras, Universidade Federal de Goiás, 2006.
- LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História” In *Antropologia Estrutural Dois*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1989.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD/LACED/Museu Nacional, 2006.
- OLIVEIRA, Vanderlei Mendes de. *TURISMO, TERRITÓRIO E MODERNIDADE: Um Estudo da População Indígena Krohô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal)*. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós – Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.
- PESSOA, Maria do Socorro. *Aprendizagem da docência: pesquisas sociolingüísticas e ensino de línguas*. In COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa & ROCHA, Solange Helena Ximenes (Org.). *Aprendizagem da Docência Reflexões sobre os cursos de formação, a inserção profissional e as recentes pesquisas na área*. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Relatório descritivo Açaí Nas Aldeias*, Terra Indígena Igarapé Lourdes, Porto Velho: PEEI/SEDUC, 2004.
- _____. *Relatório de Prática de Ensino, VII etapa do Projeto Açaí*, Porto Velho: PEEI/SEDUC, 2002.
- TEIXEIRA, Raquel F. A. *As Línguas Indígenas no Brasil*. In LOPES DA SILVA, Aracy & GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Org.). *A Temática Indígena na Escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.